

Tancredo tinha infecção há seis meses

São Paulo — O Presidente Tancredo Neves já possuía, há pelo menos seis meses, um processo infecioso, concluiu ontem a equipe médica que o assiste, através de um levantamento completo da vida do paciente. Os dados foram levantados junto a familiares e ao médico Diomedes Garcia de Lima, de São João del Rei.

Segundo o superintendente do Hospital das Clínicas, Guilherme Rodrigues da Silva, "foi feita uma reconstituição da história do paciente, nos últimos meses". Ele explicou que "pelo fato de a infecção do Presidente ser endógena, ou seja, através de bactérias da flora intestinal, e não por bactérias do ambiente ou hospitalar, comprovou-se que o problema já vinha ocorrendo bem antes da primeira cirurgia".

Os médicos integrantes da equipe que assiste o Presidente continuam divididos, quanto às probabilidades de recuperação do paciente. Segundo o superintendente do HC, "a maioria dos médicos ainda pende para o lado do pessimismo, enquanto a minoria para o otimismo". Ele revelou que o Dr. Pinotti — o chefe da equipe — é da ala otimista. E o classificou como "o campeão do otimismo de nossa turma".

Guilherme Rodrigues da Silva comentou que o relatório do médico Walter Pinotti teve três objetivos: primeiro, fazer justiça com o pessoal de Brasília, "pois não houve erro médico grosseiro, já que as técnicas usadas foram corretas"; segundo, "permitir uma forma de contato com a imprensa"; e terceiro, "mostrar que o quadro do Presidente não está perdido e recobrar a calma e a esperança na recuperação".

O superintendente do Hospital das Clínicas disse, ainda, que "se houve erro, foi do próprio paciente, que escondeu ou procurava dissimular os sintomas. O pessoal de Brasília pegou um processo infecioso já longo e a cirurgia foi infectada".

Com os parentes de Tancredo Neves ("cada um sabia um pouco"), reconstituíram-se, nos últimos dias, os sintomas que o Presidente vinha sentido. Segundo os médicos apuraram, ele sentiu febre e calafrios com menos intensidade, durante a campanha política e a sua viagem ao exterior, em que tomou antibióticos. Nesse período, o Presidente preferiu não sair de cena da vida política brasileira, o que possibilitou o agravamento do quadro infecioso.

A preocupação em divulgar o relatório do Dr. Pinotti levou em conta, também, as avaliações pessimistas que vêm sendo feitas. Segundo o médico Guilherme Rodrigues da Silva, "muitas pessoas já estavam dando o quadro como perdido e queriam saber como seria a remoção do corpo para Brasília. Algumas pessoas deram telefonemas angustiantes à família".